

Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma*

Alberto Gawryszewski

Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Pós-graduação em História Social da UEL. Coordenador do LEDI. Autor de, entre outros livros, *Panela vazia: o cotidiano carioca e o fornecimento de gêneros alimentícios 1945/50* (vencedor do Prêmio Carioca de Pesquisa, 2001).

RESUMO

Como muitas vezes o conceito de caricatura se mistura com o de charge, buscou-se neste artigo compreender alguns aspectos da formação destes conceitos dando destaque à possibilidade de seu desdobramento quando se trata de imagem político-ideológica.

PALAVRAS-CHAVE: caricatura; imagem; imprensa.

ABSTRACT

As many times the concept of caricature is confused with the concept of cartoon, this article tries to understand some aspects of the formation of these concepts, emphasizing the possibility of its deployment when it refers to the political-ideological image.

KEY WORDS: caricature; image; press.

* Este trabalho foi inicialmente escrito como parte do trabalho final de Pós-doutorado em História Social da UFRJ (*A Caricatura e a charge na imprensa comunista - 1945/57*). Esta discussão está atualmente inserida na pesquisa "A arte gráfica visual na imprensa anarquista (1901-1927)" que tem o apoio financeiro do CNPq (chamada 050/2006) e da Fundação Araucária (chamada 02/2006.) Gostaria de agradecer a Milton Lopes, da FARJ, pela cessão das imagens anarquistas.

Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma

Introdução

As expressões *caricatura*, *charge*, *cartum* soam, em geral, como semelhantes, com o mesmo significado. Hoje, a expressão *charge* passou a ser usada com mais frequência devido aos jornais diários que as publicam e assim as intitulam. Dessa forma, para o cidadão comum, ao ver uma caricatura, pode chamá-la de *charge*, sem nenhum constrangimento. Mas, como se dá tal discussão na academia?

Presente em nosso dia-a-dia, a caricatura e as demais formas de humor gráfico (*charge*, *cartum* etc.) ainda são carentes de estudos teóricos mais profundos. Embora na década de 90 e na seguinte tenhamos um aumento significativo de estudos nos diversos ramos do saber (História, Comunicação, Letras, Educação etc.) que utilizam tais materiais como fonte, eles ainda não foram o suficiente para podermos ter uma base segura para o conceito de caricatura e das demais formas de humor gráfico, em especial nas diferenças intrínsecas entre elas. Em realidade, a própria expressão humor gráfico não é tão usual, ou seja, não há consenso sobre seu uso.

Muitos dos estudos que utilizam a caricatura e *charge* como fonte de suas pesquisa em geral não as diferenciam ou o fazem de forma incipiente. Pesquisadores das áreas da semiótica, comunicação e lingüística se preocupam muito com o uso da metáfora, hipérbole e antítese, entre outras, nas imagens. Tal abordagem muito nos ajuda,

mas não dá conta das necessidades para a conceituação ou diferenciação entre as formas de humor gráfico, em especial da caricatura. Outros pesquisadores, em especial da História, que não têm a mesma preocupação dos pesquisadores pretéritos, se voltam para localizar as imagens no tempo de sua criação, limitando-se, muitas vezes, a descrever os fatos ilustrados nas imagens. Enfim, não aprofundam o debate teórico desse tipo de fonte e não as diferenciam com profundidade. Um tema que une quase todos os estudiosos é a questão do riso e do humor que, para eles, estaria na base da caricatura e da *charge*. Entretanto, poucos se preocuparam em aprofundar esta relação.

O objetivo deste trabalho é contribuir com o debate teórico das possíveis definições de caricatura e *charge*, conhecendo suas variações e diferenças. Assim, este trabalho foi dividido em duas partes: na primeira, apresentamos e debatemos o conceito de caricatura e de *charge*, com base em dicionários gerais e específico e em estudiosos que utilizaram tais imagens em suas pesquisas práticas e teóricas; na segunda, refinamos as discussões para os conceitos de caricatura política e *charge* política, partindo, especialmente, de nossas pesquisas com as imprensas anarquistas e comunistas. Ao final propomos novos conceitos quando se pensa em imagens publicadas em uma imprensa engajada politicamente, ou seja, caricatura ideológica e *charge* ideológica.

Apresentando e debatendo conceitos

Há autores que admitem a existência de caricatura no Egito Antigo, com o uso da zoomorfia nas suas representações, outros ainda nas pinturas rupestres. A maioria dos autores, entretanto, afirmam que ela teria surgido na Renascença, com os irmãos Caracci, na Itália, quando foi lançado pelo editor Guilain, em 1664, um livro retratando tipos populares de Bolonha.

Preferimos a posição de que não se poderia falar em caricatura na História antes de sua reprodução massiva, ou seja, estaria sua existência como arte na contemplação por um grande número de pessoas, por amplos setores da sociedade. Portanto, sua importância popular e histórica estaria residindo, justamente, em sua dimensão social e política.

Robert de la Sizeranne propõe três fases da evolução da caricatura: simbolista, no princípio, quando os egípcios recorriam aos animais para simbolizar o caráter de suas vítimas, tais como os leões e as gazelas que representavam os reis e as concubinas; deformante, até a Renascença, quando então a palavra italiana *caricare* (carregar) dava a medida exata de sua finalidade; característica, nos tempos atuais. Para esse autor, caracterizar seria sublinhar algum gesto, para notar algum jogo de fisionomia, para unir tão intimamente todos os aspectos inesperados, inéditos, da máquina humana, que o envoltório da carne e dos ossos revele todos os seus segredos (apud LIMA, 1963, p. 6).

Mas como definir caricatura para podê-la diferenciar de charge e outros gêneros de desenho de humor e arte? Muitas foram as definições de caricatura que encontramos no decorrer de nossas leituras sobre o tema. Colocar todas? Por uma questão de espaço vamos limitar tal debate, procurando mostrar um tipo de "evolução" neste conceito.

Grande parte dos autores que discutiram

tal conceito iniciou seus trabalhos de pesquisa partindo das definições dadas pelos dicionários. Por que não faríamos o mesmo?

No dicionário Michaelis a expressão é definida como: "s. f. 1. Representação grotesca, com intenção satírica, dos traços característicos, físicos, de uma pessoa. 2. Reprodução deformada. 3. Pessoa ridícula pelo aspecto ou pelos modos."

No dicionário Aurélio: "1. Desenho que, pelo traço, pela escolha dos detalhes, acentua ou revela certos aspectos caricatos (ridículos, burlescos, grotescos) de pessoa ou fato. 2. Representação burlesca em que se arremedam comicamente pessoas e fatos; arremeto, farsa, sátira. 3. reprodução deformada de algo."

Desde já podemos apontar uma diferença entre estes dois estudos: em Michaelis o conceito se restringe apenas à pessoa; em Aurélio o conceito já engloba fato ou alguma coisa (algo). Estariam se debruçando sobre o mesmo objeto?

Na enciclopédia Barsa: "Gênero de desenho deformado de cunho basicamente satírico, mas não obrigatoriamente cômico". Nessa última definição encontramos um dado novo: pode o desenho não ser obrigatoriamente cômico.

Vejam os dicionários específicos sobre esta matéria, ou seja, um dicionário de comunicação:

1. é a representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas. A forma caricatural não precisa estar ligada apenas ao ser humano (pode-se fazer caricatura de qualquer coisa), mas a referência humana é sempre necessária.
2. Arte de caricaturar. Designação geral e abrangente da caricatura como forma de arte[...] Nesta acepção, são subdivisões da caricatura: a charge, o Cartum, o desenho de humor, a tira cômica, a história em quadrinhos

de humor e a caricatura propriamente dita (a caricatura pessoal) (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p.19).

Portanto, se inicialmente a caricatura estava ligada intrinsecamente ao homem, se ela era pessoal, passou depois a abarcar algo mais. Percebe-se que a caricatura abarcaria subdivisões, ou seja, a charge seria uma delas.

Carmona citou a definição do conceito no Dicionario de la Real Academia Española (RAE): "dibujo satírico em que se deforman las facciones y el aspecto de alguna persona". Já a Enciclopédia Universal Ilustrada, que lhe pareceu mais completa, diz: caricatura es una representación plástica de una persona o de una Idea, interpretandola voluntariamente bajo su aspecto ridículo o grotesco. Artisticamente estriba su fuerza en la representación de los elementos característicos de la persona o cosa representada" (CARMONA, 2003, p.19).

Malagón analisou dicionários dos séculos XIX e XX produzidos na Espanha, mostrando as devidas diferenças durante os anos. Como síntese concluiu três pontos em comum entre os conceitos: 1) Se circunscrevem unicamente a pessoas (salvo alguns dicionários mais recentes); 2) a intencionalidade do grotesco e do ridículo como fim; 3) a deformação, exagero ou desproporção como meio para chegar a esse fim. Sobre o primeiro ponto nos chamou atenção para um aspecto lingüístico importante, ou seja, de que na língua espanhola não existe outro tipo de palavra para definir caricatura. "Por todo elle hemos de considerar la caricatura en el sentido má amplio, esto es, englobando en su nombre todos los posibles subgéneros [...]" (MALAGÓN, 2002, p. 6). O termo caricatura englobaria, assim, o conceito de caricatura política, de costumes, social etc., ou seja, em sua visão a caricatura incluiria as demais. Estariam

incluídoe neste conceito a charge, o cartum e demais desenhos de humor.

Quanto ao segundo e terceiro aspectos apontados, não acreditava que nem toda caricatura fosse intencionalmente ridícula e grotesca em seu fim, muito menos seria a deformação e o exagero um traço definitivo, visto que nem todo desenho que contém exagero ou deformação seria uma caricatura. Após destrinçar o conceito de caricatura em 21 características e qualidades possíveis, apontou uma definição do conceito:

Una imagen generalmente unida al grabado o a cualquier outro tipo de reproducción masiva que consiste en una reducción o síntesis visual por médio de líneas de la persona u objeto que se representa; en donde la idea de agresividade, degradación, exageración, juego, fantasía o vertiente humorística están en mayor o menor medida patentes con el fin de crear un código por el que se pueda representar una opinión, una crítica, o en definitiva un contenido que si quiere dar a conocer en relación a una persona, una idea o un situación determinada (MALAGÓN, 2002, p.13).

Advertiu que tal conceito ainda poderia trazer em si várias tipologias que buscassem compreender o conceito de caricatura. Por fim, considerou que poderíamos dividir, de forma pragmática, a caricatura em diversos sub-gêneros, a saber: caricatura política; social; político-social; de costumes; simbólica; festiva; fantástica; pessoal. Em nossa opinião, tal proposta se torna pertinente e importante, pois facilitaria ao estudioso da imagem caricatural uma visão mais clara de seu objeto de análise e de sua fonte. Deve-se chamar a atenção para o fato de que a charge, por exemplo, estaria enquadrada nestas subdivisões, pois tal expressão inexiste na língua pátria do autor.

O pesquisador Carlos Abreu conceituou a caricatura de imprensa como um gênero

iconográfico de opinião, por meio do qual o autor do desenho buscava dar uma interpretação de algo, dar uma dimensão crítica ao seu trabalho, com auxílio de recursos psicológicos, retóricos e/ou plásticos, que poderiam ser potencializados por um texto breve (ABREU, 2001, p. 1). O vocábulo **algo** dá a dimensão que a caricatura pode alcançar em sua crítica e análise. Em outro texto, esse mesmo autor consideraria a caricatura como um gênero com diferentes ramificações, como por exemplo, a caricatura política, editorial, de costume, pessoal etc., nas quais o humor pode estar presente, da mesma forma como em outros ramos da imprensa, como a crônica (ABREU, 2001, p. 1).

Um pesquisador brasileiro que buscou compreender e dar uma definição para o termo caricatura foi Camilo Riani. Inicialmente aceitou, como quase os estudiosos, que este conceito derivou do verbo italiano *caricare*, que significa *carregar, sobrecarregar, carregar exageradamente*. Mas sua preferência conceitual estava na expressão humor gráfico, que englobaria as categorias de caricatura, charge, cartum e história em quadrinhos, ou seja, acompanha muitos dos estudiosos do tema (RIANI, 2002, p. 25-26).

Riani fez um trabalho se baseando nos Salões de Humor realizados pela prefeitura municipal de Piracicaba e de outros do país, onde o conceito de caricatura era uma categoria específica destes concursos, junto com charge, cartum e HQ. Não poderia usar este autor o termo caricatura englobando outros gêneros de arte do desenho, já que este conceito se limitava a uma categoria dos Salões. Existe, portanto, uma certa flexibilidade neste termo. Miani, citado por Riani, por exemplo, conceituou caricatura como "um termo genérico aplicado a todos os desenhos humorísticos, desde que

desencadeasse o riso, a crítica escarnejadora e a sátira contundente" (apud MIANI, 2002, p. 25). Aqui, mais uma vez, encontramos o riso e a sátira unidos, isto é, para este autor todo desenho de humor seria caricatura. Sem dúvida, uma redução expressiva do conceito.

Como poderemos verificar, com grande parte dos estudiosos do tema, o conceito de caricatura está longe de um consenso. Com Riani não foi diferente, visto que observou que a expressão caricatura ora era um campo artístico, ora sinônimo de charge ou cartum (RIANI, 2002, p. 26). Percebeu este autor, analisando os conteúdos das obras de humor gráfico, o destaque dado às personalidades famosas e à classe dominante. Tais fatos levaram a que concluísse pela necessidade de o leitor ter um conhecimento prévio sobre o retratado. Esta é uma questão corrente nos estudos que utilizam a charge e a caricatura como objetos e fontes, ou seja, se o leitor não conhecer os símbolos, os personagens e os fatos nada entenderá do desenho ou poderá ter uma visão diferente da proposta pelo autor.

Riani propôs, assim, diferenciar as diversas formas de desenhos de humor:

Caricatura – desenho humorístico que prioriza a distorção anatômica, geralmente com ênfase no rosto e/ou em partes marcantes/diferenciadas do corpo do retratado, revelando também, implícita ou explicitamente, traços de sua personalidade;
 Charge – desenho humorístico sobre fato real ocorrido recentemente na política, economia, sociedade, esportes etc. Caracteriza-se pelo aspecto temporal (atual) e crítico;
 Cartum – desenho humorístico sem relação necessária com qualquer fato real ocorrido ou personalidade pública específica. Privilegia, geralmente, a crítica de costumes, satirizando comportamentos, valores e o cotidiano;
 História em quadrinhos (HQ): história desenhada/desenvolvida em distintas etapas/quadros seqüenciais, com roteiro e trama (RIANI, 2002, p.34)

Vemos, portanto, que a caricatura para Riani (e também para Miani) possui, em sua essência, o aspecto humorístico vinculado ao homem e visa destacar ou produzir suas deformidades anatômicas, podendo realçar aspectos de sua personalidade. É, assim, bem específica, não genérica. O conceito de charge também é cristalino, pois se trata de um desenho com humor que retratava fato recente em vários ramos da sociedade. Vemos também que a base da caricatura e da charge é o humor, com a diferença que a charge tem um aspecto crítico definido.

Mas desde já perguntamos se tal visão se aplica quando pensamos em uma subdivisão, tal como a existência de uma caricatura e uma charge tipicamente políticas.

Luiz Guilherme Sodré Teixeira é outro estudioso brasileiro da charge e da caricatura. Foi um dos poucos a diferenciar estas categorias. Segundo este autor, a charge, diferentemente da caricatura e do cartum, busca a apreensão do real. Seu traço é pela reflexão do real, uma crítica à razão onde o humor é a base de sua narrativa. Portanto, conceito próximo de Riani. Para ele: "a charge resume situações políticas que a sociedade vive como problemas, e os re-cria com os recursos gráficos que lhe são próprios" (TEIXEIRA, 2005, p. 73). Já a caricatura não visa essencialmente a reflexão, a crítica. Sua função seria reproduzir o personagem em si mesmo, ou seja, seu limite é a própria composição física do retratado, sua resposta está no excesso: o orelhudo, narigudo, barrigudo. Sua marca seria a extravagância, o exagero nos traços, na semelhança. Mas, para este autor, a caricatura não é agressiva, embora cause o riso. Embora próximo de Riani, não considera que a caricatura explicita traços de personalidade. Outro aspecto interessante citado por Luiz Guilherme, e

ignorado por Riani, é a não agressividade da caricatura.

Mas, retomando a pergunta feita anteriormente, como ficam as caricaturas tipicamente políticas? Elas não expressam traços de personalidade, ou pelo menos não denunciam ou elogiam ideais políticos dos agentes? Elas sempre trazem o riso, o humor é a base de sua composição?

Antes de respondermos tais questões, seria interessante discutirmos um tipo de conceito que encontramos, ou seja, um desenho que visava somente o riso, nada tendo de político: desenho de humor.

Jiménez caracterizou esse tipo de desenho de 'humor blanco', ou seja, desenhos que somente objetivam fazer rir, sem qualquer fundo social ou político/ideológico. A questão do riso e do humor na caricatura é tema recorrente dentro do estudo sobre o conceito de caricatura, mas não é nosso objetivo aprofundar tal questão.

Herman Lima, indo ao encontro do pensamento de Jiménez, afirmou que:

[...] a caricatura, dum modo geral, se pode provocar o riso ou o sorriso, traz também em sua própria substância motivo para reflexões nem sempre superficiais, ao passo que a finalidade do desenho humorístico, de par com a satisfação dum prazer estético, derivado de sua beleza, graça ou elegância de concepção e de execução, é precipuamente fazer rir (LIMA, 1963, p. 25-26).

O riso e o humor fazem parte da discussão do conceito de caricatura, como já vimos em diversas conceituações. A seguir, partiremos para a discussão dos conceitos propriamente ditos de caricatura e charge políticas. Seria possível pensar em uma caricatura ou charge política só com o caráter do riso? As especificidades desta arte deram um sentido novo aos estudos teóricos de até então.

A caricatura e a charge políticas

Vimos anteriormente toda a dificuldade de definição do conceito de caricatura. Nossas recentes pesquisas usam como fonte básica imagens, que no caso seriam as charges e as caricaturas. Entretanto, elas estão carregadas de significados políticos, pois foram publicadas na imprensa comunista (1945-57)¹ e na imprensa anarquista (1901-1927)², ou seja, possuem todo um objetivo educacional e ideológico.

Deixamos em aberto no item anterior algumas indagações: podemos pensar em uma subdivisão, tal como a existência de uma caricatura e uma charge tipicamente políticas? Sendo possível, são construídas visando o riso, o humor? É possível pensar em caricaturas políticas que expressem ou denunciem o caráter do retratado? É o que pretendemos responder agora.

Vimos que muitos autores, em especial os da língua espanhola, em suas subdivisões do conceito de caricatura usam a expressão "caricatura política". Para Carlos Abreu, a caricatura política era uma das ramificações da caricatura, em que o humor poderia estar presente ou não (ABREU, 2000, p. 4). Na primeira parte deste trabalho, vimos que esse autor usou o pronome indefinido **algo** dentro de sua natureza de substantivo, isto é, deu um significado maior à arte e às críticas possíveis nas caricaturas. Em outro trabalho, disse que era bom aclarar que a denominação de caricatura política não só abarcava personagens ou situações vinculadas diretamente a este mundo, bem como expressões da preocupação social dos caricaturistas (ABREU, 2001 A, p.2). Podemos, perceber, portanto, que vai além

do simples conceito de caricatura como traços característicos e físicos do personagem; engloba preocupações sociais e políticas daquele que produz a arte, ou seja, um profissional engajado. Em uma perspectiva tradicional, estaria ele falando de charge política e não da caricatura?

Malagón, de forma semelhante ao pensamento de Abreu, buscou traçar uma definição para a caricatura política, onde esta extrapolava a simples imagem humana, ou seja, seria aquela em que o tema fosse nacional ou internacional, estivesse ligada intimamente a questões políticas, com seus personagens, palavras e fatos (MALAGÓN, 2002, p.15). Novamente não estamos diante de um narigudo ou barrigudo somente, mas de uma situação política ou social maior. Estaríamos, então, falando de caricatura política ou de charge política?

O trabalho clássico de Herman Lima nos traz contribuições interessantes sobre a temática. Destacou a importância do estudo de caricaturas pessoais, usadas para fixar personalidades ilustres por um grande período. Citou o caso do caricaturista Thomas Nast, que contribuiu para a fixação da imagem do Tio Sam, com suas calças de listas, colete estrelado, casaca azul chapéu de chaminé, que seria baseada na figura de Lincoln. Tal figura adquiriu com o tempo o valor de representar uma nação (LIMA, 1963, p. 9). Outros exemplos existem para uma imagem representar algo maior. Carmona, por exemplo, em seu estudo sobre a caricatura na Colômbia, afirmou que a imagem de um velho com sombreiro largo, com uma manta puída negra, armado, com a inscrição "conservadorismo", foi tão recorrente na imprensa liberal que se

¹ Trata-se da pesquisa concluída "caricaturando e ilustrando na imprensa comunista (1945-57)" já citada.

² Trata-se da pesquisa em andamento, já citada.

converteu em um estereótipo (apud ABREU, 2000, p. 3).

Em nosso estudo sobre a imprensa comunista, a imagem de Tio Sam foi constantemente usada pelo imaginário dos artistas do partido comunista como sinônimo do imperialismo norte-americano. Da mesma forma, a figura do gordo, de terno e cartola simbolizava o próprio sistema capitalista, sistema da opressão e da desigualdade social, seja na imprensa comunista, seja na anarquista.

Na verdade, a caricatura (ou charge) pode expressar sua idéia indo além do desenho de um simples personagem. Ela pode desnudar, descobrir, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação. Em nossas pesquisas, além da cartola e do Tio Sam, como vimos, a zoomorfia (o polvo, o morcego etc) e símbolos como o cifrão, a suástica (na imprensa comunista), a cruz (na imprensa anticlerical anarquista), entre outros, foram utilizados no imaginário político para representar os seus inimigos.

Mary de la Paz Mogollón e Cira Mosquera propõem uma idéia para o conceito de caricatura política (sinônimo de desenho humorístico): "Un buen dibujo humorístico descubre políticamente a un personaje y pone de relieve esa parte oculta de su personaje, aunque también es de notar que la caricatura ha servido...para ensalzar y adular a poderoso" (apud ABREU, 2000, p. 3). Esta definição é importante, pois nos apresentou dois lados da caricatura política: pode atacar ou defender um personagem, um ideário político, o próprio poder.

Vimos que grande parte dos estudos sobre caricatura a vê como cômica, objetivando o riso. Terminamos a parte anterior deste trabalho afirmando que a caricatura e a charge política possuíam especificidade e perguntando se caberia o riso. Bem, a caricatura política, dentro desta questão,

comporta uma discussão diferenciada, pois como veremos posteriormente, se a caricatura política tem seu lado cômico, do riso, muitas vezes não traz consigo tal conteúdo ou possibilidade, ou quem sabe mesmo nem um sorriso amarelo. Como afirmou Herman Lima: "[...] O certo é que a caricatura política ou social raramente pode levar ao riso despreocupado, como acontece com o desenho humorístico" (LIMA, 1963, p. 26). Muitos desenhistas, inclusive, aceitam o riso em seus trabalhos, mas não visam exatamente tal ato humano. Sua produção estaria engajada em uma luta política, que buscava esclarecer seu próprio posicionamento frente aos fatos cotidianos e políticos da vida local e internacional.

O poder de formadora de opinião pública, de denunciar, de mostrar a realidade, de conscientizar etc. foram formas apresentadas pelos estudiosos da imagem para demonstrar a importância política da imagem. Ana Sanchez afirmou que a caricatura reforça valores populares, nacionais, assim preservando a herança cultural de um povo. Na realidade vai mais além, ou seja, o humor gráfico serve para revelar a verdade, desmistificar e desnudar as contradições e as ambigüidades dos poderosos. O artista busca no leitor um cúmplice para defender os interesses coletivos. Cita o exemplo do caricaturista costarriquenho Hugo Díaz Jiménez. Disse este que, com seus traços, ajudou a dar conta da dor, miséria, angústia, alegria e esperança do povo. Em síntese, ele seria um artista comprometido com sua arte a serviço do povo.

dentro de la lucha contra la injusticia, la marginación, la corrupción, y en favor del apoyo a los trabajadores, es muy gratificante saber que uno ha puesto su mejor esfuerzo, que ha aportado algo a esa lucha, aún sin saber en concreto qué es lo que logra.

Obviamente, no critico a quien hace dibujos solamente para hacer reír, disfruto mucho el 'humor blanco', sin embargo yo no podría ser un caricaturista sin compromiso (apud SANCHEZ, 2002, p. 3).

Outro artista costarriquenho, Fernando Zeledón Guzmán (Zeledón) também se posicionou sobre o papel de sua obra dentro de um contexto político:

La caricatura política es una contribución para elevar la conciencia de la gente. Yo no tengo otra forma de hacerlo, no soy político ni sé dar discursos políticos, soy médio zopetas. Estas es la trinchera que yo escogi, para disparar los balazos que puedo tirar. Yo hago la labor de un mosquito, que no puede detener la locomotora pero si al conductor. Esa es mi labor, joder al conductor (apud SANCHEZ, 2002, p. 8).

Na opinião do desenhista argentino Hermenegildo Sábat, para trabalhar bem a imaginação se faz necessário estar longe do poder, pois este seria sinônimo de seriedade e o humor está, pelo contrário, junto ao povo, junto à cultura popular (apud SANCHEZ, 2002, p. 4). Henfil, um dos nossos maiores chargistas, afirmou que seu compromisso não era com o humor, o seu objetivo não era provocar o riso e sim clarear os fatos como ele os via. O que não quer dizer que não podemos considerar sua arte como integralmente provida de humor. Também afirmou que se fazia necessário ao artista um engajamento na luta, ou seja, "[...] a chave para você fazer humor engajado é você estar engajado. Não há chance de você ficar em casa vendo os engajamentos lá fora, e conseguir fazer algo. Esse talvez seja o humor panfletário. É o humor que você faz lá fora" (apud SANTOS, 2003, p.148). Neste sentido, Carmona estaria certo ao afirmar que, mais que o riso, a caricatura política visava destruir simbolicamente a imagem do inimigo (CARMONA, 2003, p. 38).

Gómez, por sua vez, deixou claras as qualidades que deveria possuir um caricaturista:

[...] no basta tener un espíritu crítico aguzado, ni un penetrante sentido del humor, ni una línea fácil, ni una aptitud para conseguir el parecido. Se necesita todo ello en dosis abundantes, y, además, no poca cultura literaria, muchísima versación sobre le política y un conocimiento profundo de las costumbres y de la idiosincrasia del pueblo (apud CARMONA, 2003, p. 124).

As caricaturas e charges políticas de nossas pesquisas são fruto do trabalho de artistas engajados, simpatizantes de um projeto político (ou pertencente a um partido, como no caso do partido comunista). Em realidade, por estarem presentes em um periódico politicamente engajado, seus trabalhos artísticos só poderiam seguir a sua orientação. Mesmo em outros periódicos (jornais ou revistas) dito burgueses, as caricaturas e as charges expressavam o ponto de vista tomado por estes. A liberdade pode se tornar meramente simbólica.

Muitos autores buscam desenvolver a idéia do poder que o desenho gráfico, a caricatura tem sobre a opinião pública, sobre as possibilidades de mudança política e social que ela poderia proporcionar. Carmona e Carlos Abreu afirmaram ser a caricatura política um instrumento de luta ideológica. Carmona, baseado em outros autores, considerou que desde o início as caricaturas têm sido usadas como veículos de idéias e instrumentos de divulgação de interesses de partidos e de dirigentes políticos (CARMONA, 2003, p. 21). Como são fundadas em personagens, fatos, situações específicas, não poderiam deixar dúvidas aos leitores, daí a preocupação de dar identidades aos retratados. Visa esta arte, como vimos, desnudar, clarear, dar uma visão de uma situação política ou de um personagem político.

Mostrar sua verdadeira face, seu verdadeiro caráter, ou seja, mostrar aquilo que a mídia, o personagem buscava esconder, destruir uma imagem que estava sendo construída.

Vamos retomar a relação de cumplicidade entre o desenho (ou seu autor) e o observador. Só existirá o riso, o prazer de ver/ler a imagem se houver uma certa cumplicidade, uma possibilidade de acordo entre o desenhista e o leitor.

Faz-se necessária atenção para dois aspectos. O primeiro é quanto ao caráter negativo da imagem. Carmona e Lima nos chamaram a atenção para este fato, visto que nem toda caricatura visava destruir o retratado. Lima, inclusive, lembra-nos da caricatura de Rui Barbosa, onde a cabeça do jurista baiano fora feita no formato de uma biblioteca, denotando grande saber. Em segundo, está como a imagem era interpretada pelo leitor. Dependendo da posição pessoal deste, a imagem poderia ter uma conotação positiva ou não, como vimos.

Luiz Guilherme Sodré Teixeira nos diz que a charge tem uma carga de agressividade em sua essência, e que ela é importante em sua relação com o leitor, já que acorda e potencializa sua própria agressividade, possibilitando o despertar de uma consciência crítica. Para ele: "a agressividade da charge é o aditivo, o subsídio, o complemento da opinião prévia do leitor, que se expressa para e por ele, num tom acima dos limites da palavra" (TEIXEIRA, 2005, p. 73). Assim, a charge é política, nunca neutra; toma partido e potencializa seu humor e sua crítica. Mas há exceções, segundo este autor: só há quebra da agressividade quanto há consenso social, quando se compartilham sentimentos de exaltação e euforia, como na vitória ou no luto, na catarse coletiva.

Entretanto, em sua definição de caricatura, onde a base seria o humor, o prazer e não a busca de uma crítica ao sujeito

(somente a este é possível se dirigir a caricatura), a agressividade não toma espaço, o seu traço linear, superficial e cômico dificulta tal qualidade.

Para Motta, o riso é um recurso antigo usado na política para enfraquecer a posição dos adversários. Entretanto, afirma que o riso pode ser útil e, portanto, tolerado aos que detêm o poder, visto ter a qualidade de amenizar a crítica. Pode, inclusive, desanuviar crises que porventura ocorram no ambiente político (MOTTA, 2006, p. 24).

A charge e a caricatura políticas podem causar o riso, por possuírem uma carga de humor, podem divertir, mas não podemos nos esquecer de que podem causar também ao intérprete um estranhamento, pois podem despertar sua consciência, dar uma visão do político ou da situação que desconhecia, isto é, desvendar, desnudar uma realidade que talvez não quisesse ver ou conhecer. Portanto, a charge e a caricatura políticas possuem um grau de ambigüidade, uma carga emocional que a caricatura comum, a charge comum, a de costumes e de humor não contêm.



Tribuna Popular, 05/06/1945. p. 1



Imprensa Popular, outubro de 1955



(MOTTA, 2002, p. 125)

No caso de nossas pesquisas, onde o receptor da mensagem provavelmente era um simpatizante da causa comunista ou anarquista, as imagens que degradavam o inimigo trariam satisfação. Como primeiro exemplo podemos mostrar a imagem publicada na página ao lado: possui título ("De véu novo") e um diálogo entre os personagens ("Não adianta...Aquela pinta é manjada"). Lá está, com o corpo de mulher, o político integralista e, portanto, anticomunista declarado, Plínio Salgado. Uma mulher "sedutora" que deixa cair seu lenço na esperança de que um dos cavalheiros o pegue. Entretanto, eles conhecem "aquela pinta" e a ignoram, sabem que é de má fama. Na imagem, o símbolo do integralismo não nega a essência política da "senhora". Simpatizantes de Plínio certamente se desgostaram da imagem, ao contrário dos inimigos do retratado (incluindo não comunistas), que se alegraram com a mesma.

A imagem desenhada (a caricatura, a charge etc.) desde seu início, como nos falou Carmona, era utilizada nos embates políticos. Este aspecto é interessante quando podemos

encontrar o inimigo do PCB, por exemplo, também usando desta técnica para desmistificar o "cavaleiro da esperança", para desnudar as relações PCB/PCUS, para ironizar as suas idéias, enfim, criando todo um imaginário anticomunista no Brasil.

Um exemplo desse embate podemos verificar nas imagens acima. Nelas podemos identificar traços absurdamente idênticos, ou seja, alguém copiou alguém. Afinal, quem nasceu primeiro? A pergunta é de difícil resposta, mas a imagem do PCB tem a assinatura do artista Toledo, que assinou outras charges semelhantes nesse mesmo período. Enquanto que na obra de Toledo os políticos Café Filho e Juarez Távora estão a serviço do imperialismo norte-americano obedecendo às ordens vindas dos EUA, na outra imagem, o mico representa o líder do PCB Luiz Carlos Prestes, onde faz um papel subordinado, pois além de fornecer as ordens vindas da URSS, recolhia as doações. O tocador do realejo, aquele que dá o ritmo da música, era o Secretário Geral do PCUS e presidente da URSS, Malenkov. Assim, dependendo do receptor da imagem, ela

poderá causar revolta ou alegria, dificilmente um riso gratuito ao simpatizante de Prestes ou Juarez. Nestas imagens estão embutidos valores, ideais e crenças que poderiam ser colocados tanto a serviço de quem acreditava nelas como de quem queria combatê-las. O inimigo deveria ser apresentado como mentiroso, falso, oportunista, mau, perverso, antidemocrático, autoritário, traidor, egoísta, enfim, por uma série de determinações negativas. No caso de nossa pesquisa com a imprensa comunista, a questão do discurso nacional é vital. Tanto a direita como a esquerda, conforme os desenhos mostrados, usavam a questão da subordinação do inimigo a um outro país, a um ideário político contrário aos interesses de nação brasileira. Já na imprensa anarquista tal temática estava vinculada à própria destruição do conceito de nação, ou seja, inexistia o discurso de nacionalidade.

A charge produzida pelo PCB foi retirada do jornal diário *Imprensa Popular* de 1955. Juarez Távora, participante da Coluna Prestes, da Revolução de 30 etc., era neste momento Chefe do Gabinete Militar do Presidente Café Filho, que assumiu após o suicídio de Vargas. Os bilhetinhos simbolizam as "ordens do imperialismo norte-americano", que eram tiradas pelo mico-presidente. Vemos no peito de Juarez uma placa com a inscrição "\$ego". O Cifrão acompanha boa parte das caricaturas, principalmente, e as charges publicadas pela imprensa comunista. Seu significado está ligado à traição, à entrega das riquezas nacionais, à venda do caráter do indivíduo, bem como buscava mostrar a subordinação do presidente ao seu chefe de gabinete (que também dá o ritmo da música). Esta imagem, publicada em preto-e-branco, demonstrava que para o autor os personagens nela contida eram conhecidos pelo público leitor, pois não estavam acompanhados de

qualquer referência sobre os mesmos. Só um aspecto está nesta charge e que não encontramos na outra: o olhar do "cego". Juarez, por cima dos óculos, acompanha atentamente os fatos. De cego não tinha nada, ou seja, buscava Toledo abrir os olhos dos leitores do jornal para o "verdadeiro caráter" deste político.

Na charge produzida pela "direita brasileira", vemos Luiz Carlos Prestes e Malenkov. O autor desconhecido se preocupou em identificar cada figura, apesar de a imagem de Prestes ser bem popular. Na placa ao peito de Malenkov, a letra "C" da palavra "cego" foi substituída pela foice e o martelo. Este aspecto, somado às notas musicais que saem do realejo (PCB), ao que está escrito na caixinha de mensagens ("orientação russa") e ao título da imagem ("O cego clandestino e o seu secretário"), bem como a cor usada (vermelha, utilizada nas roupas de Malenkov, no símbolo da foice e do martelo e nas calças do mico), deram à charge uma conotação de embate político,




de denúncia, de subordinação, de destruição à imagem de herói, de nacionalista que o PCB construíra para Prestes e para si próprio. É interessante perceber o rosto de Prestes: barba por fazer e magro, dando um ar de velho e relapso na higiene.

Pelas imagens também podemos reforçar as afirmações anteriores, de que os personagens e os fatos são descritos para uma fácil identificação e compreensão do leitor. Da mesma forma, elas possuíam uma síntese de uma leitura política. Estabelecido o diálogo entre o autor e o leitor, as conseqüências são imprevisíveis, ou não. Ficamos, por fim, com uma pergunta: teria sido comum tal postura de o


LES POIRES
AS PERAS

Si pour reconnaître le monarque dans une caricature, vous n'attendez pas qu'il soit désigné autrement que par la ressemblance, vous tomberez dans l'absurde. Voyez ces croquis informes, auxquels j'aurais peut-être dû borner ma défense.


Se para reconhecer o monarca numa caricatura os senhores não esperam que ele seja designado senão pela semelhança, cairão no absurdo. Vejam estes esboços informes, aos quais eu talvez devesse ter limitado minha defesa:




Ce croquis ressemble à Louis-Philippe, vous condamnerez donc?
Este esboço se parece com Louis-Philippe, os senhores irão condenar?



Alors il faudra condamner celui-ci, qui ressemble au premier.
Então será preciso condenar este aqui, que se parece com o primeiro.



Paire condamner cet autre, qui ressemble au second.
Mandar condenar este outro, que se parece com o segundo.



Et enfin, si vous êtes conséquents, vous ne sauriez absoudre cette poire, qui ressemble aux croquis précédents.
E finalmente, se forem consequentes, não poderiam absolver esta pera, que se parece com os esboços anteriores.

Ainsi, pour une poire, pour une briochette, et pour toutes les têtes grotesques dans lesquelles le hasard ou la malice aura placé cette triste ressemblance, vous pourrez infliger à l'auteur cinq ans de prison et cinq mille francs d'amende!! Avouez, Messieurs, que c'est là une singulière liberté de la presse!!

Assim, por uma pera, uma briochette, e por todas as rostos grotescos em que o acaso ou a malícia terá colocado esta triste semelhança, poderão infligir ao autor cinco anos de prisão e cinco mil francos de multa!! Reconheçam, Senhores, que é uma singular liberdade de imprensa!!

Realizadas por Philipon, diretor de La Caricature, ao Tribunal do Juri de Paris e publicadas em 1834 no *Charivari*, cuja multa foi paga com a venda avulsa das gravuras.

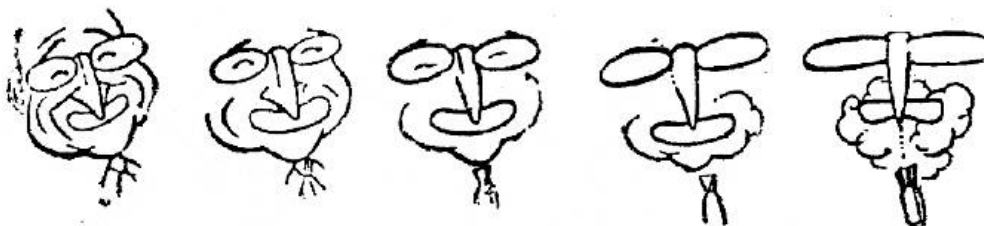
(DAUMIER, 1995, p. 9)

inimigo copiar o inimigo? Um deboche do deboche? Uma resposta é certa, ela foi usada como forma de ataque e de defesa.

Nesse discurso é importante lembrar o desenho de Philipon (acima), uma referência na história da caricatura mundial, que transformou a cabeça do Rei Luis Filipe de França em uma pêra (poire – que quer dizer tolo). Tal imagem ajudou a enriquecer ainda mais as possibilidades da caricatura política. Por sua causa Philipon foi processado e teve que pagar multa (que ironicamente foi paga com a venda das cópias do desenho). A analogia e metáfora, ou como disse

Gombrich, a descoberta do semelhante no dessemelhante, ou melhor, a descoberta teórica da diferença entre semelhança e equivalência, possibilitou a transformação da arte de desenhar. Os usos de vegetais, animais e outros bens inanimados estiveram presentes na arte comunista e na arte anarquista como arma de construção e desconstrução. Ela não pôde fugir de seu caminho.

Um exemplo dessa exploração da equivalência está na caricatura política a seguir, onde vemos, ao contrário de Philipon, uma caricatura simpática de Truman se transformar em arma de guerra, um avião



Do sorriso à bomba atômica, ou a evolução da rajada americana

Voz Operária, 26/04/1952, p. 5

soltando bomba. O riso e a alegria da caricatura sem crítica se transveste em uma denúncia do caráter guerreiro de Truman. Aqui podemos perceber que a definição de caricatura (política) sem agressividade, sem reflexão, onde a base é o humor e o riso, perde sentido.

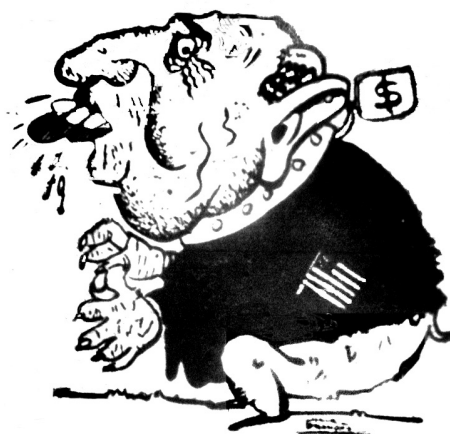
Podemos apresentar mais quatro caricaturas políticas em que os traços dos personagens vão além do simples traço, do simples exagero físico. A alma, a essência dos retratados é colocada à mostra. Como se disse, a caricatura, em especial a política, pode desnudar o verdadeiro caráter do personagem, deve e pode denunciá-lo, deve e pode desmascarar o que a mídia quer esconder.

No primeiro caso temos a figura de Churchill, devidamente apresentado na legenda abaixo do desenho. É uma caricatura carregada de sentidos políticos. Sem o canhão na boca seria uma caricatura nos padrões comuns do conceito: riso, cômica, personagem, de seu tempo, sem crítica e sem agressividade. Mas, ao transformar o seu conhecido charuto em uma arma de guerra, o autor, certamente engajado politicamente, quis denunciar o caráter guerreiro do retratado.

No segundo caso, temos Assis Chateaubriand, político brasileiro, dono de uma vasta rede de comunicação, notoriamente conhecido por suas posições



Imprensa Popular, 1955



Imprensa Popular, 1955

direitistas. O artista da imprensa comunista, engajado e empregado desta, Jorge Brandão, retratou-o com traços grotescos, valendo-se de seus traços físicos (baixinho, barrigudo, narigudo, dentuço e peludo) para realçá-los e acrescentar outros não muito humanos: unhas crescidas e rabo. Em síntese, era um monstro! Entretanto, o caricaturista quis acrescentar outras características mais "políticas", que dão o ar de seu caráter político e ético, tais como vendido, traidor da pátria e capacho.



RÁSGANDO A CONSTITUIÇÃO

Tribuna Popular, 13/05/1947, p. 1

A imagem acima, embora à primeira vista, dentro dos conceitos-padrão de charge, possa ser considerada como tal, prefiro vê-la como uma caricatura política. Por quê? Parece-me que a proposta da imagem é denunciar o caráter autoritário do presidente Dutra, desmistificar a idéia construída pela mídia de que respeitava a Constituição brasileira, que sempre carregava uma, demonstrando sua adesão à mesma. Pela imagem podemos identificar a figura de Dutra, escondido atrás de uma cortina, sem a vista de ninguém,

"rasgando a Constituição". O caricaturista Lúcio se preocupou em desenhar o presidente olhando para o leitor, e já foi dito por um estudioso que é pelo olhar que se conhece a alma do retratado.



Imprensa Popular, 1955 (autoria Jorge Brandão)

Por fim, um terceiro personagem bem conhecido, retratado como um animal agourento (aqui temos mais um caso de animalização de pessoas, o uso da zoomorfia), uma figura traidora: o jornalista e político Carlos Lacerda. Sua primeira caricatura como corvo deu-se no jornal *Última Hora*, feita por Lan, em maio de 1954 (DULLES, 1992, p. 33). Segundo Gombrich, a boa caricatura é aquele que marca o caricaturado por toda a vida (GOMBRICH, 1995, p. 366). Foi este o caso. A figura de Lacerda, a partir daí, sempre estará associada à figura do corvo. Toda imprensa contrária a Carlos Lacerda utilizará uma caricatura onde o corvo é seu corpo. Interessante perceber o papel exercido por seus óculos como fator importante para a confecção da figura. Buscava-se retratar o caráter de Lacerda, sempre crítico, demolidor,

agourento mesmo, afinal sua figura esteve presente em momentos difíceis de nossa história (suicídio de Getúlio Vargas, golpe contra a posse de Juscelino, golpe contra a posse e, posteriormente, ao governo Jango entre outros).

A partir da figura de Lacerda podemos identificar aspectos que colocam a caricatura e a charge política como possuidoras de uma longa existência, muito diferente da opinião da maioria dos estudiosos que as colocam com uma vida efêmera, em especial a caricatura. Charges e caricaturas vinculadas aos discursos ideológicos transitavam por eles durante sua existência. Assim, por exemplo, durante o período da guerra fria símbolos e imagens foram repetidos à exaustão tanto pela imprensa comunista como pela anticomunista. Pelo seu caráter universal, podemos dizer que se assemelha ao cartum (político?). Da mesma forma, ainda hoje, o cifrão, a suástica entre outros símbolos podem ser encontrados nas caricaturas e charges para denunciar situações políticas ou o caráter ideológico do retratado.

Assim, uma caricatura de um personagem pode ser repetida diversas vezes, ou uma similar, como no caso do corvo Lacerda, enquanto o retratado estiver na vida política ou não mudar de posição ideológica.

Um exemplo interessante da permanência de uma charge política durante longo tempo pode ser dado com a imagem seguinte. Com o título "A guerra", foi publicada no jornal anarquista *A Plebe*, de 23 de junho de 1917, em sua primeira página, desacompanhada de qualquer texto sobre o mesmo assunto, embora fosse o período da I Guerra. Ela apresenta um tema caro ao anarquismo – antimilitarismo –, uma vez que os interesses dos patrões, do imperialismo, da existência da nação e do nacionalismo, é que levariam os operários à guerra, os maiores

sacrificados com sua existência. Sua legenda deixa claro que quem vencerá a guerra será a morte ("A que vencerá"), ou seja, a sócia dos interesses capitalistas. Posteriormente foi impressa no mesmo jornal, em 01 de maio de 1947, em página que discutia o primeiro de maio, em especial a história dos mártires de Chicago. Foi retirado o título e, sob a imagem, foi colocada uma nova legenda: "Guerra à guerra – deve ser o brado de todos os homens de consciência reta". Vemos, portanto, que passados exatos 30 anos de sua primeira impressão, a mesma charge ainda era útil aos ideais anarquistas, demonstrando a permanência da charge política no tempo.



A Plebe, 23/06/1917, p. 1

Por fim, um dos temas discutidos pelos estudiosos da charge e da caricatura é sobre sua relação com o texto, seja na sua composição, seja enquanto ilustrando um texto. Para Abdelmalack, a caricatura (que ela não diferencia de charge) é composta por três elementos: o desenho, a legenda e o título (ABDELMALACK, 1991, p. 20). É claro que não é tão simples assim, pois podemos encontrar tanto a charge como a caricatura ora desacompanhada de título, legenda e ilustrando algum texto, ora acompanhada de legenda ou título sem ilustrar qualquer texto e assim por diante, tudo depende das intenções do autor ou do editor. Exemplos foram mostrados nas imagens supra.

A caricatura política de Dutra, por exemplo, ilustrava a notícia cuja manchete era: “Em plena ditadura”. Esta reportagem acusava o presidente Dutra de conspirar contra a Constituição – que ele havia jurado respeitar - e promover uma campanha contra o Congresso com o objetivo de fechá-lo, como em 1937, na implantação da ditadura do Estado Novo.³ Vemos, portanto, que neste caso a imagem sintetizava a notícia, procurando, como já afirmamos, desmascarar a farsa produzida pela mídia.

O uso de títulos, diálogos, legendas, comentários nas caricaturas e charges políticas, embora possamos encontrar sua não ocorrência, faz da relação imagem/texto uma realidade quando se estuda tal temática. Mas, qual a relação entre eles? Claro está nos desenhos apresentados neste texto que o que se procurava era deixar cristalino para o receptor da mensagem a idéia do autor ou do editor. A legenda, como vimos, pode reforçar e/ou complementar a imagem, dando-lhe sentido, atingindo mais diretamente o caricaturado ou uma situação cotidiana da população. Ou seja, os componentes ajudam o receptor a entender de forma clara o objeto proposto com o desenho elaborado. No desenho político a participação da legenda e, mesmo, do texto, pode exercer importante função, ou seja, podemos encontrar uma forte interação. Nas fontes utilizadas por nós, o desenho político muitas vezes sintetizava a mensagem do texto, como vimos no caso de Dutra. Abdelmalack, que como já vimos não diferenciou caricatura de charge e apresentou a caricatura como composta de três elementos, fez uma longa relação entre a imagem e o texto:

O contato da caricatura com o texto se dá quando o texto nomeia e situa: enquanto a imagem faz o julgamento moral; quando o texto oferece ao narrador a possibilidade de (des) qualificar o que mostra pela imagem; quando o texto é um prolongamento da sua expressão, que acentua característica de seu caráter, com seus pensamentos impossíveis de serem explicitados pela forma visual. As legendas também ampliam os recursos de disfunções entre o retratado e ele mesmo; entre o que ele mostra e o que fala. Também amplia as relações entre personagens pelos diálogos. Aliando a caricatura aos recursos do gracejo verbal em múltiplas combinações com a imagem (ABDELMALACK, 1991, p. 21).

Marcos Silva também enfatizou a relação entre imagem e texto:

A dependência da imagem em relação à palavra (observe-se à importância da fala) para alcançar o efeito humorístico tanto se reporta à desvalorização de capacidade autônoma da visualidade quanto sugere um receio de perder um controle sobre os deslizamentos de significações em que se baseia a produção de humor visual (SILVA, 1990, p. 53-54).

No entanto, afirmou esse autor que isso não era motivo para se admitir a ineficácia dos recursos visuais na identificação dos elementos que formavam o personagem, nem como suporte principal para a transmissão da mensagem pretendida.

Concordamos com Carmona quando afirma que não se pode encarar a caricatura como subsidiária, auxiliar ao texto ou qualquer outra coisa, pois ela tem conteúdos próprios, gerados por um artista. Em nossas pesquisas encontramos muitas caricaturas e charges políticas acompanhadas do texto, podendo sintetizá-lo ou apenas reforçar suas idéias. Uma boa parte das imagens que encontramos foi feita por artistas estrangeiros,

³ “Em plena ditadura”, In: *Tribuna Popular*, 13/05/47. p. 1.

o que significava dizer que não teve o menor contato com a reportagem que a acompanhava. Logicamente representava o pensamento, o ideário comunista ou anarquista e, por isto, foi utilizada. Até que ponto podemos dizer que foi o texto que foi elaborado para se adequar à imagem? É uma pergunta que ninguém formulou e por tal razão sem resposta. Não ousamos respondê-la, mas fica a questão.

A riqueza da caricatura ou da charge política está em que elas podem ter vidas próprias, não precisam ser subsidiárias ou dependentes de qualquer texto. Ao receptor caberia estabelecer os pontos de ligação. A imagem dentro daquele quadrado ou retângulo seria interpretada às vezes de forma diversa do proposto no texto contíguo ou mesmo do seu criador. Mas muitas vezes, especialmente em se tratando de publicações políticas, estas relações podem alcançar uma aproximação tal que, ao ver a imagem e ler o texto, o leitor se levaria pelo texto. Muitas das caricaturas e charges políticas publicadas nos jornais do PCB foram acompanhadas por “explicações” da redação, pois afinal, não se deveriam criar conflitos na cabeça do leitor, mas luz.

Considerações finais

Sintetizando toda esta história podemos perceber a dificuldade de se encontrar um conceito definitivo para caricatura e para charge, em especial para caricatura política e para charge política. Consideramos que uma boa possibilidade para ajudar neste imbróglio seria a busca de uma nova alternativa, ou seja, a criação de novos conceitos, tais como caricatura ideológica e charge ideológica.

Imagens estas mais voltadas ao embate ideológico, de defesa de um ideal político, de transformações políticas, econômicas e sociais, se encaixariam melhor em novos conceitos mais específicos, mais voltados para sua origem, sua criação. São imagens, como vimos, mais duradouras, mas permanentes no tempo, com símbolos que extrapolam limites territoriais e nacionais. São imagens que possuem uma intensa cumplicidade com o seu leitor – que só assim poderiam causar o riso –, com uma carga agressiva e de crítica como característica básica, denunciando uma situação político-social (ou defendendo) ou desnudando o caráter do personagem retratado.

Assim, poderíamos definir a *caricatura ideológica* como: imagem de personagem política, podendo abranger também fato político envolvido na questão proposta na ilustração, com a agressividade como essência. O humor não é seu objetivo final, mas pode existir de forma irônica visando denunciar o caráter do retratado. O uso do grotesco, da zoomorfia, da busca da equivalência com uso de símbolos políticos é uma de suas possibilidades. Quanto à definição de *charge ideológica*, podemos manter as mesmas características da caricatura, apenas se dirigindo ao fato político em especial, destacando-se o uso de símbolos.

Por fim, não podemos nos esquecer da relação imagem-texto, ou seja, como dissemos anteriormente, muitas vezes o título, a legenda e a identificação dos personagens têm uma função política bem específica, pois não pode o leitor ter dúvidas dos fatos e dos personagens que estão sendo retratados, pois a função da imagem política é o esclarecimento conforme os interesses do editor do jornal.

Referências bibliográficas

- DAUMIER, Honoré *Caricaturas*. Porto Alegre : Paraula, 1995. Prefácio de Charles Baudelaire ; tradução: Eloísa Silveira Vieira, Sueli Bueno Silva. - Ed. bilingüe.
- DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, 2a. edição
- GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão*. Um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963. Volume 01.
- MALAGÓN, J. Enrique Peláez - "El concepto de caricatura como arte en el siglo XIX", In: *Sincronía* 2002.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva : FAPESP, 2002 (Estudos;180).
- _____. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006. il. (Nova biblioteca de Ciências Sociais)
- RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- RIANI, Camilo. *Tá rindo do quê? (Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba)*. Piracicaba: UNIMEP, 2002.
- SECO, Javier Fisac. *La caricatura política en la Guerra Fria (1946-1963)*. Valência: Universidad de Valência, 2003.
- SILVA, Marcos. *Caricata república*. São Paulo: Marco Zero, 1990
- _____. *Prazer e poder do Amigo da Onça, 1943-1962*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989. 305p. : il.
- TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapaças da razão: as charges*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005. 128 p. : il. (Coleção FCRB, Série Estudos; 2).
- de São Paulo, Departamento de Comunicações e Artes, 1991.
- AGOSTINHO, Aucione Torres. *A Charge*. São Paulo: USP/ECA. Tese de Doutorado em Artes. 1993.
- CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. *Rian: a primeira caricaturista brasileira (1ª fase artística - 1909/26)*. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1990.
- CARMONA, Rubén Dário Acevedo. *Política y caudillos colombianos en la caricatura editorial (1920-1950)*. Programa de Doctorado: Universidad de Huelva, Espanha, 2003.
- GALLOTTA, Brás Ciro. *O Parafuso. Humor e Crítica na Imprensa Paulistana 1915-1921*. São Paulo: PUC/SP. Dissertação de Mestrado em História. 1997
- GAWRYSZEWSKI, Alberto. *A Caricatura e a charge na imprensa comunista (1945/57)*. Trabalho de conclusão de Pós-doutorado apresentado a Pós-graduação em História Social da UFRJ, 2004.
- MIGUEZ, Íris Carolina Lopes de Souza. *Arranjos combinatórios (A charge nos estratégias da identidade do jornal)*. São Paulo: PUC/SP. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. 2003.
- NERY, João Elias. *Charge e caricatura na construção de imagens públicas*. São Paulo: PUC/SP. Tese de doutoramento em Comunicação e Semiótica. 1998.
- SANTOS, Sandra Machado, *CyberComix: a eleição 2002 no humor eletrônico*, Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, Mestrado em Comunicação Social, 2003.
- SILVEIRA, Valéria. *A palavra – imagens nos gestos de leitura: os quadrinhos em discussão*. São Paulo: PUC/SP, Dissertação em Mestrado em Língua Portuguesa. 2003.
- SOUZA, Luciana C. Pagliarini de. *Charge política: o poder e a fenda*. São Paulo: PUC/SP. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. 1986
- Internet
- ABREU, Carlos, 2000; Dibujo satírico, dibujo humorístico, chiste gráfico y caricatura, en *Revista Latina de Comunicación Social*, número 36, de diciembre de 2000, La Laguna (tenerife): <http://>

www.ull.es/publicaciones/latina/aa2000/latina/aa2000kj/u36di.htm

ABREU, Carlos, 2001; Hacia una definición de caricatura, en *Revista Latina de Comunicación Social*, número 40, abril de 2001, La Laguna (tenerife): <http://www.ull.es/publicaciones/latina/2001/latina40abr/102cabreuvii.htm>

ABREU, Carlos, 2001 A; Clasificaciones sobre la caricatura, en *Revista Latina de Comunicación Social*, número 45, de diciembre de 2001, La Laguna (tenerife): <http://www.ull.es/publicaciones/latina/2001/latina45diciembre/4506abreu.htm>

SÁNCHEZ, Ana Cecília – “El humor gráfico en la cultura contemporánea”, In: *Revista Tópicos do Humanismo*, número 83, 2002. <http://www.una.ac.cr/generales/topicos/83/>